

ECOMANIFESTOARTÍSTICOAMBIENTAL: VAMOS INVADIR A CIDADE COM ARTE: TÁTICAS PARA SOBREVIVER EM TEMPOS DE GUERRA(S)

Janice Martins Appel¹

Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia declarou guerra contra a Ucrânia e em todos os meios de comunicação ouvia-se dizer: “A Rússia invadiu a Ucrânia, começou a guerra”. Esta expressão ficou retumbando como uma bomba em meus ouvidos pelos mais diversos motivos. Após alguns dias de certo incômodo, entendi que a questão que me perturbava (e retumbava) era pensar na noção apontada como “invasão”. Mas afinal, o que é uma invasão? De acordo com diferentes áreas do conhecimento, invadir pressupõe a noção de território, já que o lugar de alguém, quando passa a ser ocupado por outro alguém, torna-se invadido. Mas o que é um território, senão um conjunto de limites, baseado em convenções, comportamentos e noções que são desenvolvidos em um determinado

¹ Pós-Doutora pelo Centro de Investigación Arte y Entorno (CIAE)/Universidad Politécnica de Valencia (UPV); Doutora em Poéticas Artísticas, Instituto de Artes/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS), Docente efetiva de Artes Visuais, Instituto de Letras e Artes/Universidade Federal de Rio Grande (ILA/FURG), janismart@gmail.com.

✉ Rua Tapejara, 2459, Laranjal, Pelotas, RS. 96090-750.

Ecomanifestoartísticoambiental: vamos invadir a cidade com arte: táticas para sobreviver em tempos de guerra(s)
Janice Martins Appel

espaço por certa cultura? Preocupa-me, neste sentido, a normalização do silenciamento dos artistas quanto ao seu posicionamento relativo a certas invasões de determinados territórios. Preocupa-me a inércia artística-social perante a invasão dos mais diversos espaços ambientais. Onde estão os ativismos? Preocupa-me ser artista e estar há anos propondo trabalhos em arte pública, discutindo através da realização prática e das análises de hortas comunitárias e de jardins, o grito a favor de uma reforma agrária e do olhar que se volte ao pequeno agricultor. Minha arte promove o grito contra o patriarcado na ordem do vegetal. Patriarcado este, que ainda bombardeia nossas paisagens de dúvidas.

Quero falar, portanto, das táticas que desenvolvi através dos projetos artísticos autorais, "Jardin en Movimiento" (Espanha e África, desde 2016) e a guerra contra a agroindústria; a partir do trabalho desenvolvido em "Jardines Solares" (Espanha, desde 2017), onde falo da guerra contra o silenciamento dos fornos de cerâmica na Espanha. Quero apontar que exposição individual "Ambiente-se" (Pelotas, Brasil, 2018), onde denuncio a situação da Reserva do Taim e a guerra contra o desmatamento e a agressão contra este bioma no sul do sul do Brasil. Quero falar, portanto, sobre como invadir espaços institucionais de discussão através da arte. Há anos estou apontando para práticas que possam invadir a cidade com arte: uma nova arte pública de novo gênero, que atue ativamente para que possamos sobreviver em tempos de guerra(s).

Quando desenvolvi o projeto "Hortas Comunitárias", em 2009 até 2011, na Fortaleza da Barra da Lagoa, em Florianópolis, Santa Catarina, no Brasil, a relação se dava diretamente com a comunidade, a qual era o seu principal agente. Desde aquele tempo, o principal invasor encontrado sempre foi a expansão do capitalismo, que pouco deixava para o desenvolvimento dos pescadores locais, benzedeiros e vigilantes da tainha. A produção de hortas comunitárias era o que restava de uma proposição artística-medicinal-coletiva autóctone. Utopia, resistência ou revolução? Geograficidades em arte pode ser, todavia, um tipo de trabalho que se abre a partir do desenvolvimento de trabalhos que um dia fiz, como "Estética Ambiental", feito na Ilha do Valadares e, depois de alguns anos, na Ilha Do Mel, Paraná, Brasil. Nestes trabalhos, foi o aproveitamento dos galhos e taquaras que o vento desdobrava e lançava sobre o solo que me permitiu desenvolver sistemas naturais e eco-ambientais para captação de água contra a invasão do plástico nas orlas das ilhas brasileiras. Ainda no Paraná, anos mais tarde, apresentei "Jardim-Aberto", uma imersão no bairro Bom Retiro, Curitiba, Brasil para o Projeto "Jardinagem, Territorialidade e Ato Político", de Gabriela Leirias e Faetusa Tezelli. Mas foi no desenvolvimento de "Jardim: Laboratório De Experiências à Céu Aberto" (2011-2016), que pude mostrar uma pesquisa em arte contemporânea onde aponto para experimentações em que várias linguagens artísticas podem ser capazes de dar conta à visibilidade de um jardim como plataforma artística em vários níveis de discussão, onde a noção de uma crítica da paisagem não se afasta

Ecomanifestoartísticoambiental: vamos invadir a cidade com arte: táticas para sobreviver em tempos de guerra(s)
Janice Martins Appel

da produção poética. Este projeto foi desenvolvido ao longo de quatro anos nas cidades de Porto Alegre, Alegrete, Santa Cruz Do Sul e Praia de Paquetá (Canoas), Rio Grande do Sul, Brasil e Aras de Los Olmos e Carrícola, Espanha.

Foi a partir da travessia sobre o oceano Atlântico que passei a perceber a abrangência planetária das minhas ações em arte ao invadir a paisagem espanhola, quando surgiu o projeto “Jardin en Movimiento”, o qual desenvolvi em Valencia (Festival de Arte Urbana Intramurs), Jerez De La Frontera, Cádiz, Sevilha, Granada, Málaga, Miradouro de Gibraltar e Tarifa, Espanha, mas também em Tanger, Marrocos, África. Neste projeto eu desenvolvi em várias etapas uma eco-performance em parceria com produtores urbano-rurais e diferentes setores do comércio rural, onde busquei ativar a sociedade e comunidades locais para a noção de jardim, horta, agro-produção e noções de reflorestamento. Mas afinal, quem invade o espaço de quem? Seriam mesmo daninhas – ou invasoras – toda aquela vegetação não cultivada? Deste projeto nasceu “Jardín en Movimiento Flamenco”, em Jerez de La Frontera, Espanha, desenvolvido com a participação das mulheres de Jerez de La Frontera (Festival Mujeres de Intramuros) em uma proposição da ordem do feminino onde cantávamos cantigas campesinas tradicionais espanholas em deslocamento pela cidade. Invadimos, portanto, as ruas com arte, flores, cantigas e muita cor vermelha.

De todos estes infinitos jardins, surgiu a intervenção “Jardines Solares” (Festival Intramurs de Arte Urbana), Valencia, Espanha. “Jardines Solares” reuniu Brasil e Espanha, com a colaboração dos artistas Domingo Mestre e Paco Alfarero, em um resgate dos terrenos baldios como manutenção de espaços solares contra os invasores projetos urbanísticos, os quais culminam em gentrificação e na desenfreada construção civil no centro de Valencia. Nesta ação, no perímetro e alto dos muros dos terrenos/solares foram colocados vasos de cerâmica feitos por um forno comunitário. Durante uma semana fomos os guardiões da preservação dos espaços verdes do centro de uma antiga cidade medieval.

Na volta ao Brasil, preenchi com grama o piso do Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em um polêmico trabalho intitulado “Alpha, Betha e Grama”. Naquele momento algumas pessoas diziam que eu estava invadindo o Memorial com grama. No contraponto desta ação, abandono o espaço expositivo, invadido pelo conceito hegemônico expográfico e me coloquei à disposição da batalha contra a receita do cubo branco para galerias, museus e outras paredes para a experiência da vivência na Reserva do Taim, com a criação da exposição “Ambiente-se”, para a Galeria A Sala, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, a qual encheu de imaterialidade verde todas as paredes e a visão de quem por ali passava. Guerra verde ou invasão?

A invasão torna-se uma grande pesquisa em Arte Pública, Entorno e Novos Gêneros, quando invado com arte o sul do sul do Brasil e toda sua planície costeira, através de intervenções na Lagoa Dos Patos, Rio Grande, Pelotas, São Lourenço Do Sul, Santo Antônio da Patrulha, Chuí, Santa Vitória Do Palmar, Rio Grande do Sul, Brasil, mas também o

Ecomanifestoartísticoambiental: vamos invadir a cidade com arte: táticas para sobreviver em tempos de guerra(s)
Janice Martins Appel

Chuy, Punta Del Diablo, Departamento de Rocha, no Urugway. Nesta orla costeira realizei o trabalho “Do lado de cá e do lado de lá, quem protege é lemanjá”, onde falo sobre o confronto entre culturas, de um lado a cultura invasora inglesa e suas embarcações naufragadas em nosso litoral, e de outro (o lado de cá), os barquinhos azuis de lemanjá, que problematizam a noção de invasão e a imigração forçada, resultante em uma grande força cultural que luta por sua resistência e liberdade de expressão. E para quem dizia que invasores foram os espanhóis, ou árabes, quero invadir suas certezas com dúvidas, a partir das minhas táticas de paisagens, jardins, pinturas e o desenvolvimento do pertencimento à cultura marroquina e árabe, através dos novos trabalhos que estou para lançar nos territórios do Oriente Médio, África Setentrional e Ásia Ocidental.

Invada a paisagem com arte e você poderá manifestar-se através dela. 